O BAÚ

Prazer de escrever

Uns escrevem para salvar a humanidade ou incitar lutas de classes, outros para perpetuar manuais de literatura ou conquistar posições e honrarias. Os melhores são os que escrevem pelo prazer de escrever.

Lêdo Ivo

MIRO TEIXEIRA

O BAÚ

Brasília-DF
2020

Copyright © 2020 by Miro Teixeira
algemiroteixeira@hotmail.com
Direitos Reservados, lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Título: O Baú
Autor - Algemiro Teixeira da Silva Filho
1ªEdição do Autor: agosto, 2020
Composição/Editoração: prof. John land Carth
Diagramação, capa e Assessoria: Cigana
Publicações Contato: caixeiroonline@gmail.com
ISBN 978-65-992319-9-5 .

Brasil - Catalogação na Fonte
Índice para catálogo sistemático:

Teixeira. Miro, 2020.

O baú/Miro Teixeira – Brasília-DF: 1ª Edição Independente, 2020.
190 p.
1. Memórias; 2. Bibliografia; 3. História pessoal; 4. Literatura

IMPRESSO NO BRASIL
2020

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO **7**

A CAIXA COMEDORA DE DINHEIRO **9**

A CASA DA COLINA **15**

A CESTA DE NATAL **19**

A MALDITA GUIMBA **27**

A MENINA SEM NOME **31**

A MISSIVA **43**

QUE FESTA DE CASAMENTO! **45**

SARA LÚCIA **51**

DEBAIXO DA MINHA JANELA **61**

É TRISTE, MAS É VERDADE **71**

FRANCIS E ROSA **77**

O ENCONTRO DE DUAS VIDAS SEPARADAS PELO DESTINO **85**

SERÁ? **91**

SORROQUE **99**

TONHO JOCA MORREU? **103**

UM AMOR ALÉM DA VIDA **111**

ANOS DOURADOS **119**

CAMÉLIA E SILMARA **145**

APENAS MAIS UMA HISTÓRIA TRISTE **159**

PEDRO E O ACIDENTE **163**

O MORRO DO COQUEIRO **173**

O DINHEIRO ACHADO **177**

O CEDEZÃO **183**

O BEIJA-FLOR E A BORBOLETA **185**

APRESENTAÇÃO

Moramos no nosso cotidiano, com nossas tristezas, alegrias, medos e sonhos. Despidos de roupas caras e selfies perfeitas. No comum, sendo somente o que somos: Sem glamour, mas com a louvável necessidade de nos amarmos sem filtros!

Cris Mendonça

O Baú não é uma obra de contos ou crônicas simplesmente. Se me fosse solicitado tornar o que disse mais claro, eu me apressaria em dizer que são histórias do viver comum de alguém. Tive a graça de conhecer fatos, pessoas, situações diversas e adversas que renderam personagens marcantes no decorrer dessa trajetória de buscas e encontros que me incentivaram a falar delas para as outras pessoas.

São histórias ao me ver divertidas; dramas; conflitos; sonhos; entre outros; verossímeis ou não, mas que são contadas com todo carinho, na expectativa de que as leiam e delas se agradem. Acredito haver nelas um pouco de cada um de uns, ou talvez de ninguém; quem sabe? Vai depender apenas de quanto possam se contentar com os enredos e os diversos textos; se assemelhando,

sensibilizando, ou simplesmente passando bons momentos nessa leitura.

Penso não haver coisa pior que ter se dedicado a leitura de uma obra que ao terminar deixou o sentimento de tempo perdido. A leitura não precisa ser arrebatadora para ser inesquecível, mas precisa provocar seu senso de opinar, discorrer, concordar ou não com o que foi dito; e assim saber que a conheceu com propriedade e feliz por ter lido.

Convido a todos que se aproximem e conheçam as mais diversas e incríveis situações aqui apresentadas porque nossa intenção é de compartilhar momentos de entretenimento e prazer na leitura.

O Autor

A CAIXA COMEDORA DE DINHEIRO

Quando fui estudar nos Estados Unidos precisava trabalhar para conseguir uma renda e assim ter condições de me manter. Saia de casa as quatro da manhã e depois das oito deixava o mercado direto para o curso de inglês. Toda manhã a responsabilidade de providenciar e arrumar as frutas e legumes em bancadas na parte externa do estabelecimento era minha.

No curso que fazia, eu me preparava para um exame de proficiência em inglês a fim de ingressar em uma universidade americana no mestrado em educação.

Era uma segunda-feira. Acordei às quatro da manhã para fazer as compras de frutas e legumes para o mercado no atacadista. Eu dirigia uma pequena camionete e nela trazia tudo que *Mister Linn*, o dono do *"Healthway Country Store"*, o mercado de produtos naturais em que eu trabalhava, tinha feito uma lista para eu comprar.

Ao fechar a loja, fiquei feliz porque era o término de mais um dia duro. Tinha chegado na loja às quatro e meia da manhã, trabalhado até as oito, saí de bicicleta para a estação do metrô de *Takoma Park*, que não era tão perto, sem contar a subida e viajei até o centro de Washington D.C. para estudar no curso de inglês de preparação para o teste de ingresso na universidade, retornando às três da tarde para o trabalho e só saindo às dez da noite. Despedi-me dos colegas e fui para a parada pegar um ônibus.

No verão eu costumava fazer esse percurso de ida e volta de bicicleta, mas hoje deixei a bicicleta na loja porque com o clima extremamente frio da noite, não permitiu que eu retornasse para casa com ela.

Caminhando lentamente em direção à parada de ônibus, sentia o vento frio soprar em minha face, adormecendo as orelhas e fazendo escorrer o nariz, me fazendo fungar o tempo todo. Eu não ousava tirar as mãos dos bolsos mesmo com elas calçadas com luvas grossas. A calça jeans que eu vestia, não me protegia do frio, dando a sensação de congelar minhas pernas a cada passo que eu dava em direção ao ponto, causando um imenso desconforto. A sensação térmica era bem baixa, principalmente para pessoas como eu, acostumado ao

clima do Centro-oeste brasileiro de onde eu vim, com temperaturas menos severas.

Os ônibus apesar de confortável e pontual, não era muito frequente durante o dia, quanto mais no período da noite. Naquele lugar a maioria das pessoas de qualquer idade usavam seus próprios carros ou da família para esses deslocamentos de bairro para bairro. Eu até poderia ir à pé, se não fosse o mal tempo. Carregava comigo um folheto com os horários que eles passavam na parada onde eu costumava embarcar, pois se eu perdesse um horário, o próximo ônibus demoraria bastante a chegar.

Finalmente ele chegou, e ao meu sinal estacionou bem à minha frente. Embarquei rapidamente, parando no último degrau superior bem em frente à caixa coletora do dinheiro. O sistema de cobrança da passagem era direto com o motorista, sendo o valor depositado nessa caixa ao lado dele. Ele então se limitava apenas a reparar no visor da caixa se a quantia depositada estava correta. Foi então que me lembrei que não tinha trocado o dinheiro necessário para a viagem, pois normalmente eu levava comigo moedas para pagar a passagem. O sistema não permitia que o motorista desse troco.

Enfiei a mão no bolso e a menor nota que encontrei era de cinco dólares, e a passagem custava apenas oitenta

centavos, e em pé nos degraus de acesso, meio constrangido, dirigi-me aos outros passageiros dizendo:

- Alguém tem troco para cinco dólares?

Ninguém se movimentou, então repeti:

- Alguém tem troco para cinco dólares?

Ninguém se dignava ao menos a me olhar.

O motorista parado com a porta do veículo aberta, nada disse, mas já mostrava um ar de impaciência que exigia que eu me decidisse.

E repeti:

- Alguém tem troco para cinco dólares, por favor?

Enfatizei, o por favor, para ver se sensibilizava alguém naquele veículo, mas não consegui, nada feito, não consegui a compaixão de ninguém. Rapidamente pensei: então que eles talvez não tinham troco mesmo.

Restou-me apenas duas opções: Descer da condução e tentar trocar o dinheiro àquela hora da noite, ou simplesmente dobrar a nota de cinco dólares e enfiá-la naquela maldita caixa comedora do dinheiro alheio, e entrar, sem nem mesmo olhar para trás. Foi então o que fiz. Coloquei o dinheiro na caixa, e caminhei até o final do corredor olhando fixamente nos rostos daquelas pessoas que ao me notar, desviavam seus olhares.

Logo adiante saltei da condução, e ao chegar em casa, num misto de cansado e desapontado com a falta de sensibilidade daquela gente, perdi até a fome. Joguei no lixo quatro dólares e vinte centavos de uma só vez que com certeza me fará falta. Esse dinheiro nada fácil de ganhar representava uma hora de serviço. Eu recebia esse valor dando duro no mercado a $4,25 a hora trabalhada, e eu o usaria para pagar quatro passagens.

Depois desse fiasco de ter esquecido de trocar o dinheiro para embarcar na condução, nem tive mais coragem de ir à lavanderia próximo de casa como sempre fazia. Com o dinheiro contado para as despesas, como consolo ficou a ideia de ter economizado a lavagem de roupa, usando no dia seguinte aquelas menos sujas do cesto; e sem alternativas tentava melhorar seus odores com um desodorante barato. Seria assim por todo resto da semana para me recuperar do prejuízo.

A CASA DA COLINA

Sem ter a mínima noção de onde estava, vi-me de pé na varanda da frente daquela pequena casa branca de madeira no alto de uma colina suave.

Meio debruçado com as mãos apoiadas no parapeito, olhava curiosamente ao derredor. Em frente da casa, uma relva bem verde se estendia ladeira abaixo, onde não se via em toda extensão uma única árvore, e no céu de brancas nuvens fazia o dia esplendoroso. Eu não tinha a menor noção de que horas poderiam ser, mas mesmo sem ter certeza, pelo frescor da brisa fácil, mais lembrava um final de tarde. Não sei como fui parar ali, porém no momento eu não me importava.

Sem nenhuma razão, brotou no peito uma felicidade tamanha que eu não conseguia conter, trazendo na face um sorriso que brotava bem dentro do peito e que aquecia todo corpo. De repente vi caminhando ao longe homens e

mulheres descalços, trajando vestes brancas e negras. Eles surgiam de toda parte sem que eu pudesse saber de onde vinham. Caminhavam em pares sem rumo e sem direção, contudo não se misturavam: os de preto caminhavam com as pessoas de vestes negras, e os de branco com os de vestes brancas.

Desci as escadas, afastando-me da casa em direção às pessoas no intuito de saber quem eram elas. Inesperadamente surgi à minha retaguarda um homem com uma túnica negra comprida que lhe cobria os pés, e um capuz sobre a cabeça, ocultando-lhe a face. Rodeou-me entoando uma suave canção. Sua voz era incomum; um pouco assustadora. Ele tocou meu ombro levemente com as duas mãos e disse:

- Você gostaria de ter uma experiência diferente?

Antes que pudesse respondê-lo, uma força descomunal ergueu meus pés do chão me fazendo flutuar, girando e girando no ar e sobre meu próprio corpo. Eu rodopiava e dava cambalhotas, e não tinha qualquer controle. Não sei como e nem o porquê, mas no meu íntimo eu sentia que as pessoas de vestes brancas e vestes pretas não eram pessoas vivas. Desesperado ao ter essa sensação, tentei identificar na multidão alguém que eu conhecesse. Alguém que pudesse me dizer o que estava acontecendo,

mas não reconheci nenhuma fisionomia nas faces das pessoas que lá estavam.

Sussurravam, mas eu não ouvia o que diziam. Tive a impressão que faziam uma oração. Inesperadamente senti um mal-estar incontrolável. Uma ânsia de vômito, tontura, que me fazia quase desfalecer. A pessoa que me oferecera a tal experiência, pouco a pouco se distanciava, tornando-se apenas um pequeno vulto, e por fim desaparecendo totalmente.

Minhas pernas tremiam descontroladamente, minhas mãos suavam frio e meu rosto gelava, talvez pelo soprar da brisa fria, quem sabe pelo nervosismo e desespero que sentia, não sei explicar.

A casa da colina, agora distante, eu já não conseguia distinguir seus detalhes. A experiência de flutuar, e não tocar o solo deixara-me atônito, e eu me perguntava:

- Como tudo vai terminar?

E assim foi. A angústia aumentava cada vez mais, e eu sem saber o que fazer. De repente de um salto na cama, eu acordei.

A CESTA DE NATAL

Nasci e cresci em Vila Rosali, bairro de São João de Meriti, na década de 50, no Rio de Janeiro, e ali a vida não era nada fácil.

Era 21 de Dezembro de 1962, as condições estavam ainda piores do que antes, principalmente pela ausência do nosso pai trabalhando distante de casa a meses e a agitação política, que eu, apesar de muito jovem, já percebia.

Lembro-me com tristeza do sofrimento da nossa mãe ao distribuir os pratos de comida, dividindo igualmente um ovo frito para os quatro filhos; e para ela restando apenas arroz e feijão sem nenhum adicional.

Decepções sobre decepções desenharam o crescimento e amadurecimento das crianças: três meninas e um menino. Eu era o irmão mais velho, contudo tinha apenas onze anos.

Sem ter ideia do que fazer para ajudar, surge em minha mente as lembranças e as imagens dos seis anos de idade. Na época nosso querido Papai Noel, o bom velhinho